

**UM PANORAMA SOBRE O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO:  
APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS A PARTIR DE UM  
DIÁLOGO ENTRE COLEMAN E OS CLÁSSICOS**

*A PANORAMA ON THE PROCESS OF MODERNIZATION:  
APPROACHES AND DISTANCES FROM A DIALOGUE BETWEEN  
COLEMAN AND CLASSICS*

**Tacyana Karoline Araújo Lopes  
Gilson Cássio Oliveira Santos**

**Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG**  
tacyanaaraujo@yahoo.com.br, gilson.santos@unimontes.br

**RESUMO**

O presente ensaio constitui um esforço comparativo acerca do processo de modernização entre diferentes autores da Teoria Social. Foi desenvolvido a partir das análises comparativas do processo de modernização em Coleman, dos conceitos-chave utilizados pelos clássicos da sociologia (Durkheim, Marx e Weber) e da visão dos diferentes sociólogos para a missão da sociologia. No estudo, buscou-se criar uma interface comparativa entre as análises dos clássicos e do sociólogo norte-americano, apontando aproximações e divergências. A metodologia empregada para a formulação das análises foi a revisão de literatura, o objetivo deste estudo é compreender e explicar conceitos fundamentais para a teoria social presentes nas obras destes pensadores.

**Palavras-Chave:** Modernização, Coleman e os clássicos, conceitos e abordagens.

**ABSTRACT**

This essay constitutes a comparative effort on the process of modernization between different authors of Social Theory. It was developed from the comparative analyzes of Coleman's Modernization process, from the key concepts used by the sociology classics (Durkheim, Marx and Weber) and the sociologists' view of the sociological mission. In the study, we tried to create a comparative interface between the analyzes of the classics and the American sociologist, pointing out approximations and divergences. The methodology used to formulate the analyzes was the literature review, the purpose of this study is to understand and explain fundamental concepts for social theory present in the works of these thinkers.

**Keywords:** Modernization, Coleman and the Classics, concepts and approaches.

**INTRODUÇÃO**

Pensar aproximações e divergências entre as análises sobre modernização formuladas por James S. Coleman e nos constructos dos clássicos: Karl Marx, Emille Durkheim e Max Weber não é uma tarefa fácil, seja pela extensão e densidade das ideias destes teóricos, seja pela singularidade no desenvolvimento de modelos e argumentos explicativos, metodologias empregadas, e também em relação ao Revista Desenvolvimento Social Nº 22/01, 2017. (ISSN 2179-6807)

distanciamento no tempo e espaço em que as análises de Coleman (1992), no final do século XX, e dos Clássicos (meados do século XIX até início do século XX) foram construídas. Mas a o desafio proposto produz a oportunidade de compreensão da transformação pela qual passou e ainda passa a Sociologia.

A diversidade de contextos, tempo e espaço não são capazes de afastar completamente os autores em todos os posicionamentos. Assim, buscaremos os modelos explicativos da modernização em cada autor e os conceitos-chave que formaram as bases das suas análises, apontando também os enfoques metodológicos empregados.

No texto *The rational reconstruction of society* publicado em 1993, a partir da conferência realizada por James Samuel Coleman na *American Sociological Review*, em 1992, um objeto novo emergiu como objeto de análise para a sociologia, o processo de modernização, ou, “*The great Transformation*” (Coleman, 1993, p.). Para o autor esse processo teria se desenvolvido a partir do século XVIII, apesar de enraizado mesmo em épocas anteriores e ainda segue em construção nas sociedades contemporâneas.

Para Coleman (1992), a modernização das sociedades tradicionais foi uma progressão a partir do esgarçamento do *capital social*<sup>1</sup> e alteração do controle social pelo enfraquecimento das instituições primitivas (clãs) família, na qual as relações de nascimento e vínculos parentais perderam sua função de controle e estabeleceu-se outra forma principal de controle social, fundamentada na formação do estado e estrutura legal (estabelecimento de direitos e deveres) e de outros sujeitos que atuam na dinâmica social (*personas fictas*). Esse deslocamento dos modos de controle social teria ensejado uma profunda transformação na organização social.

Na organização primordial, a maior parte do controle emanava das normas sociais, *status*, reputação e da força moral. Para o ator corporativo, as sanções são efetivas apenas se o sancionador tiver reconhecido o direito de sancionar. Na organização social primordial, tais direitos são nascidos dos processos sociais informais que dependem de uma estrutura social relativamente densa e fechada que tem continuidade ao longo do tempo.

Coleman destacou as Revoluções Industrial e Francesa como marcos importante nessa dinâmica, por serem produtoras de grandes transformações nas bases organizacionais da sociedade. Para o sociólogo norte-americano, negligenciar as transformações ocorridas nessas bases nos últimos duzentos anos constitui um engano freqüente dos sociólogos e da Sociologia produzida até então.

Para o autor, até a idade média, não se distinguiam os atores sociais e comportamentos coletivos como independentes do comportamento individual e destacou o processo de modernização baseado na transformação de um estilo de vida predominantemente rural e agrícola para um modelo de produção industrial.

---

<sup>1</sup> Higgins (2005, p. 117) esclarece que Capital Social é considerado como um patrimônio não-visível ao serviço dos sujeitos sociais que funciona como recurso para atingir obrigações, canais de informação e sanções. Para o autor o conceito foi tratado pela primeira vez por Bourdieu em 1980 e no intervalo entre 1988 a 2001 houve uma produção exponencial de pesquisas sobre o tema, produzidas na língua francesa e inglesa. O autor ensina que este tema apresenta-se “elipsado” em dois focos: 1) *estruturalista*, que concentra sua atenção nas assimetrias de poder existentes para obtenção do capital social, 2) *utilitarista econômico*, que parte da premissa de que relações de troca simétricas permitem a obtenção desses recursos. Sobre esta segunda perspectiva, o utilitarismo econômico, Higgins (2005) apontou que pensamento de Coleman, fez emergir novas cores para o conceito estudado por Bourdieu ao promover a aproximação do pensamento Sociológico da Teoria com Econômica, inaugurando aquele segundo foco de análises para explicar a relação indivíduo e ação social.

Neste sentido, e como Giddens (2009) nos aponta, a Revolução Industrial teria sido responsável por transformar completamente a economia, através do advento de um sistema econômico em que a maior parte da produção passou a ter como palco as fábricas e em que a maioria do que era consumido passou a ser adquirido no comércio.

Já a Revolução Francesa foi destacada por fazer emergir uma nova estrutura, marcada pelo fim de um sistema político e social baseado na tradição, privilégios e personalismo, e demandou o desenvolvimento de burocracia e racionalização, e ensejou uma mudança legal, o que permitiu o surgimento de um ator corporativo não assentado na família. Esse personagem fictício, a corporação, é composta por elementos não-pessoas, são descritos por Coleman como “*positions*” ou “*offices*” (Coleman, 1993, p.7). As pessoas seriam meros ocupantes dessas posições ou cargos. Essas *positions* ou *offices* têm existência independente de qualquer indivíduo. As relações ocorrem entre as posições e não entre as pessoas.

Para Coleman, a Sociologia é, ela mesma, um produto dessa transformação. Desabrochando ao mesmo tempo em que essa nova forma organizacional intencional corporativa floresceu, séculos XVIII e XIX. O autor apontou, ainda, que as orientações de pesquisa, focos centrais e análises sociológicas formuladas devem ser compreendidas como produtos deste processo, e encontram-se limitadas pela localização histórica e contexto em que foram desenvolvidas, e o impacto deste processo de modernização na produção do saber sociológico deve ser levado em consideração. A Teoria Social, teria assumido, assim, o corpo e a forma das mudanças sociais que ocorriam. Ao longo do seu desenvolvimento, a mudança do foco sociológico acompanha, pois, justamente as principais transformações sociais que ocorrem no Ocidente, caracterizando-se por trabalhos teóricos que descrevem e analisam essas mudanças. (KIELY, 2013)

A explicação de Coleman sobre a dinâmica de modernização pode ser mapeada a partir de três principais vertentes em relação a aproximação e divergências: 1) a partir da comparação epistemológica entre Coleman e os clássicos, 2) a partir da revisão de conceitos-chave utilizados para a explicação dessa dinâmica social, e, 3) a partir da tarefa sociológica prescrita por cada um destes teóricos, o que realizaremos a partir das três seções seguintes no presente estudo, após serão apresentadas as considerações finais.

## APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS

Ao discutir ação social, Sell (2013) diferencia o pensamento de Marx e Durkheim da concepção Weberiana a partir das metodologias explicativas: enquanto que a teoria Marxiana constatou na estrutura e no modo de produção capitalistas as explicações sobre a dinâmica dos comportamentos individuais, para Weber, a ação social produzida pelas ações individuais é um eixo importante para as explicações sociológicas. Dessa distinção decorre a classificação de Marx e Durkheim como coletivistas metodológicos, e em uma perspectiva divergente, a apresentação do individualismo metodológico proposto por Weber com o objetivo de se fornecer uma outra explicação para o fenômeno coletivo.

Do ponto de vista epistemológico, Coleman se intitula como individualista, e nesta perspectiva seu modelo explicativo distancia-se das ideias propostas por Durkheim e Marx (estruturalistas), para assumir uma aproximação com o pensamento desenvolvido por Marx Weber e, de algum modo, por Georg Simmel, em que a organização social tem sua explicação fundamentada a partir da ação dos indivíduos. Ou seja, a estrutura organizacional é que pode ser explicada pelas ações dos indivíduos (individualismo metodológico). Contudo, a perspectiva de Coleman promove uma

ressignificação desse individualismo, já que descreveu o indivíduo através das *personas fictas*.

Por outro lado, Coleman aproxima-se de Marx ao reforçar a idéia da tarefa prática da sociologia, em oposição à separação entre ciência e política proposta por Weber e do método positivo proposto por Durkheim. Para Coleman, o desenvolvimento de políticas públicas e a transformação de desenhos institucionais eficientes como fator compensatório da erosão das estruturas primitivas, é tarefa do sociólogo, embora ele alerte que desenvolvimento desta ciência esteja limitada e imbricada pelo contexto sócio-histórico em que é produzida.

Segundo Lallement (2008) Coleman se aproxima de Weber ao apontar o caminho do individualismo metodológico, mas dele se diferencia por promover uma aproximação da Sociologia aos modelos econômicos e a Teoria da Escolha Racial, que fundamenta a ideia da reconstrução racional da sociedade a partir da sociologia como recurso a serviço de engenharia de desenhos organizacionais eficientes.

A ideia de Coleman de capital social se aproxima das percepções de Georg Simmel (2006) sobre o contato entre indivíduos no que diz respeito a criação da interação social ou da socialização. A socialização para Simmel e o capital social para Coleman são fatores geradores de estabilidade social. Além disso, ambos os fatores são avaliados a partir da perspectiva do indivíduo.

Pretender que a teoria social na sua tarefa de elucidar a vida social moderna assuma uma única maneira de explicar o social, através da adoção de um paradigma científico único é uma tarefa que só seria possível numa sociedade totalitária e para Giddens e Turner (1999, p. 11) deveria ser “adiada para um futuro remoto”. Assim, as ideias de Coleman contribuem expressivamente para rememorar e ressignificar as análises dos clássicos.

Na seção seguinte apresentaremos modelos explicativos para o processo de modernização em cada um dos três clássicos (Marx, Durkheim e Weber), sem pretender com isso esgotar a análise destes autores – o que, por si só, já seria ementa suficiente para um curso de teoria sociológica, mas sumarizando-as e apresentando-as de maneira comparada às análises de Coleman (1993).

## **AS CHAVES PARA A COMPREENSÃO DO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA SOCIEDADE EM COLEMAN E NOS CLÁSSICOS**

Na obra, a Ideologia Alemã, Karl Marx (1989) ao formular uma crítica à concepção Hegeliana descreve a modernidade como processo marcado pela transformação da racionalidade tradicional e religiosa na racionalidade econômica, e pela separação entre trabalhadores e meios de produção no modo de produção capitalista.

Assim, numa concepção Marxiana, o processo de modernização das sociedades, estaria relacionado ao conflito inerente ao capitalismo e à acumulação baseada na exploração, o que teria possibilitado à burguesia emergir como detentora de poder político e capital e por fim ao tradicionalismo das relações feudais, patriarcais e idílicas, eliminando vínculos entre os homens além do pagamento em dinheiro desprovido de qualquer sentimento. Para Marx, compreender a luta de classes e o conflito como cernes da modernização é necessário para compreender suas decorrências e contradições inerentes (ARON, 2008).

Neste sentido, a idéia da modernização a partir do fim do tradicionalismo como fator que faz emergir um novo modelo de organização social, converge com a ideia Colemaniana do esgarçamento das instituições primitivas, como fator que demandou o surgimento de uma nova forma de distribuição do controle social.

Revista Desenvolvimento Social Nº 22/01, 2017. (ISSN 2179-6807)

Segundo Marx (1988), na modernidade, o proletariado só subsiste enquanto encontra trabalho e só encontra trabalho enquanto seu trabalho aumenta o capital, o que revela a sua total submissão à lógica econômica do mercado. Os operários, ao restar apenas a sua força de trabalho, são transformados em mercadoria e expostos às vicissitudes da concorrência e às oscilações do mercado. Assim, para o referido teórico, a abolição da propriedade caracterizaria o último estágio do processo de modernização.

De outra perspectiva, o processo de modernização é visto pelo sociólogo Francês, Émile Durkheim (1999a), como consequência da transformação da solidariedade social, de mecânica em orgânica. Para Durkheim a (DTS) divisão do trabalho social modificou a produção de moralidade, produzindo solidariedade, uma vez que a especialização de funções criaria laços sociais e o controle social também seria produtor de coesão, neste sentido, a modernização implicaria o desenvolvimento do direito civil sancionador como forma de controle social, em oposição ao direito penal.

Nesta concepção, a existência de uma sociedade e a sua coesão dependem da solidariedade entre os seus membros, existindo dois tipos de solidariedade: a mecânica e a orgânica. A solidariedade mecânica é comum às sociedades primitivas como as tribos, os clãs e os feudos, onde os seus membros compartilham valores e se identificam através da família, da religião, da tradição e dos costumes. Já a solidariedade orgânica é identificada nas sociedades modernas, onde há grande diferenciação individual. A divisão do trabalho social é desenvolvida e complexa. Nas sociedades modernas, a coesão social não é calcada nas crenças, valores, tradição ou nos costumes, mas na interdependência entre os indivíduos, propiciada pela segmentada divisão de tarefas no complexo produtivo.

Em resumo, na concepção de Durkheim, a sociedade moderna capitalista que daí emergiu é sustentada pela solidariedade orgânica. A divisão do trabalho social é acentuada e o fato dos indivíduos desempenharem funções diferentes implica em elevada interdependência entre eles (FIELD, 2013).

Weber (2003) destacou a Reforma Protestante como marco histórico no processo de modernização, que teve como efeito a racionalização da conduta dos indivíduos. Ele afirma que a adoção dessa nova conduta religiosa determinou a sociedade moderna e suas relações. Ele elucida que não interpreta o capitalismo como um resultado direto da Reforma Protestante, mas acredita que a disseminação da conduta religiosa baseada em ações racionais foi um dos fatores que ajudaram o seu desenvolvimento. O advento do protestantismo foi para este autor, uma condição a era moderna à medida que usa em sua conduta o racionalismo em oposição ao tradicionalismo católico. A adoção da conduta racional decorrente da Reforma viabilizou a emergência do individualismo.

A racionalização é fator de extrema importância para a explicação weberiana da modernidade e o desenvolvimento da sociedade. Nesse sentido, o pensamento de Coleman e Weber convergem ao apontar que a adoção do modelo de racionalidade transformou profundamente a sociedade.

Embora a racionalização decorrente do processo de modernização possa resultar, Segundo Weber (2004), na perda de liberdade e aprisionamento do homem numa “jaula de aço”, o Estado é identificado como um importante condutor da modernidade. De acordo com o mesmo sociólogo (2009), o Estado moderno, além do monopólio do uso da força, detém o poder institucional, sendo responsável pela estrutura construída pela modernidade que se manifesta através da burocracia. Novamente Coleman e Weber convergem ao pensarem na burocracia como produtos da racionalização, porém Coleman a delimita a partir de atores “propositalmente construídos”.

Neste sentido, as ideias de Coleman poderiam ser comparadas ao constructo de Weber sobre a impessoalidade como consequência do desenvolvimento da burocracia e da racionalidade. Ambos acreditam que a racionalidade faz gerar estatutos formais, que

Revista Desenvolvimento Social Nº 22/01, 2017. (ISSN 2179-6807)

por sua vez, constroem medidas previsíveis de orientações sociais, podendo efetivar relações menos baseadas nos estreitamentos pessoais e mais fundamentadas nas regras escritas.

## A TAREFA SOCIOLÓGICA DE ACORDO COM A PRESCRIÇÃO DE CADA AUTOR

Para Marx a tarefa da sociologia seria permitir aos indivíduos compreensão e mobilização a fim de que pudessem apropriar-se da totalidade existente das forças produtivas para assegurarem a sua existência e que essa apropriação consistisse no desenvolvimento da totalidade de suas capacidades, apontando a revolução (LÖWY, 2000).

Sobre a tarefa sociológica Durkheim (1999b) acredita que as raízes dos males na sociedade moderna se assentam sobre a fragilidade da moral moderna. Ele propõe que a ciência pode ajudar a iluminar os caminhos a serem tomados, aqui o pensamento de Coleman assume semelhança, embora não seja possível ver com clareza a convergência do pensamento de Coleman em relação a neutralidade científica. Para Durkheim, deve-se empregar o método positivo, calcado na observação, indução e experimentação, em busca da formulação de leis que estabeleçam relações constantes entre os fenômenos, assim como é feito nas ciências naturais.

Durkheim (1999b) ataca aqueles que esperam que a ciência resolva prematuramente os “problemas sociais” sem antes ter compreendido as suas causas e ressalta que à ciência social não cabe julgar os fatos, mas explicá-los. Aqueles que pedem aos sociólogos que lhes entreguem remédios, Durkheim rebate que lhes serão entregues explicações e que cabe ao homem público desenvolver as soluções. Portanto, na visão durkheimiana não se deve impor ao trabalho sociológico os fins do agente político e das organizações sociais.

Segundo Max Weber (2009), é tarefa do sociólogo entender os fenômenos do mundo social de forma racional e compreensiva. Observar e ter a dimensão do sentido da ação praticada pelos indivíduos é fundamental para construir o conhecimento sociológico.

Para Coleman (1992), a modernização ocorrerá independente do sociólogo, mas a este cabe a tarefa da contribuição com desenhos institucionais e “*outcomes*” capazes de remodelar as instituições fundantes tradicionais como a economia e a família, até outras unidades de instituições e organizações que compõem a estrutura social, transformando-as para obter maior eficiência.

Coleman chamou a atenção para a necessidade de uma reconstrução das matrizes da Teoria Social, a partir de análises menos ingênuas e do emprego do saber sociológico como insumo da arquitetura de uma sociedade racionalmente reconstruída.

Importante pensar, assim como nos lembram Bottomore e Nisbet (1980), que a despeito das diferenças e das semelhanças a respeito das interpretações sociológicas sobre o processo de modernização, a Sociologia, enquanto ciência, se posiciona como um marco deste processo. Ela nasce exatamente no início da idade moderna, devido as transformações trazidas pela modernidade e com intuito de entender e explicar as novidades oriundas do novo momento histórico que se deu após o século XVIII.

A Sociologia é então, um fenômeno do processo da modernização que possui esse aspecto binário de criatura e de conselheira da sociedade moderna. Conselheira, seja no aspecto interpretativo, quanto a realização dos diagnósticos sociais, como preconizados por Durkheim (1999b) e Comte (1978); seja no tocante à pretensão das interferências e das orientações, de acordo defendiam Karl Marx e Coleman.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar sobre as ideias de Coleman e os modelos explicativos dos clássicos para este estudo permitiu integrar e relacionar diferentes maneiras de ler a realidade social e organizar essas informações a fim de compreender melhor não só as mudanças sociais decorrentes do processo de modernização, como para sumarizar o caminho percorrido pela sociologia, alertando que esta é uma ciência imbricada no contexto sócio-histórico em que é produzida.

Enquanto que para Marx a racionalização econômica marcada pela separação entre meios de produção e o trabalho fez surgir o conflito como cerne para a explicação da modernização, cujo estágio mais avançado seria a revolução; para Durkheim a transformação dos laços de solidariedade é que caracterizaram o processo de modernização social. Neste sentido, podemos afirmar que Coleman e Durkheim concordariam numa perspectiva da modernização a partir da transformação do capital social das instituições primitivas e nas propositalmente construídas, ou daquele decorrente de laços de solidariedade mecânica para orgânica. Mas distanciam-se quando descrevem os efeitos dessa transformação, já que para Durkheim a erosão dessa solidariedade mecânica pela divisão do trabalho teria produzido a solidariedade orgânica, enquanto Coleman destaca a erosão do capital social como produtor do enfraquecimento do controle social.

As análises, reinterpretações, a partir de convergências e divergências e ressignificação do individualismo metodológico a partir de instituições propositalmente construídas, indivíduos ou pessoas fictas, realizadas por Coleman mostraram-se extremamente relevantes tanto para inventariar o conhecimento sociológico que já havia sido produzido, quanto para ressignificá-lo e ampliá-lo, bem como para localizá-lo como produto construído e imbricado na realidade que pretende explicar.

Como legado de Coleman, pode-se anotar, ainda, a prescrição aos sociólogos da tarefa de aperfeiçoar desenhos institucionais, a partir de “*outcomes*” nos diferentes ambientes da vida social. Para o autor, a teoria social deve ser direcionada para prática, não se atando a narrar ou conceituar as mudanças do passado e maneiras sociológicas fixas de ler o mundo como as únicas aptas a fornecerem o conhecimento científico na sociologia, já não representam perspectivas universais suficientes para explicar a totalidade e as diferentes dimensões em que o social pode se apresentar. Nesse particular esse sociólogo contemporâneo também se distancia do clássico Durkheim, tendo em vista que a sociologia Durkheimiana era contrária às intervenções do cientista na realidade social.

Coleman promoveu uma reinterpretação do individualismo metodológico, enfrentando objetos de análise (especialmente modernização) e apresentando modelos explicativos comparáveis aos desenvolvidos pelos grandes clássicos, aproximando-se metodologicamente de Weber para explicar as transformações sociais a partir de comportamentos individuais, mas ressignificando este processo como consequência da escolha racional e raciocínio economicista como fatores relevantes nos processos sociais e econômicos e aponta como causa o esgarçamento das relações ou criação de outros meios de solidariedade.

Coleman entende assim, que a transformação na dinâmica social continuará a se alterar à medida que as instituições primordiais se enfraquecem, independente dos sociólogos ou da Sociologia, entretanto, para o autor é tarefa dos sociólogos intervirem como arquitetos nesta reconstrução repensando desenhos institucionais e políticas públicas mais eficientes, para que essa dinâmica ocorra de fato, de uma forma racional. Aqui, ele se aproxima mais de Karl Marx que dizia não haver serventia para a ciência humana caso ele não possibilitasse transformações da realidade social.

Revista Desenvolvimento Social Nº 22/01, 2017. (ISSN 2179-6807)

Veja-se, contudo, que o desenvolvimento da sociologia é marcado pela manutenção dos alicerces do passado. Ou seja, a sociologia contemporânea de forma nenhuma se desvincula da sociologia clássica. Por mais que Coleman seja considerado um individualista metodológico, fato herdado de Max Weber, além é claro de Georg Simmel (2006), entre outros; tal analista social atenta-se para instituições sociais, como fez Durkheim, e defende o caráter transformador da sociologia, aos moldes de Karl Marx.

Tal desenho evidencia o amadurecimento da sociologia enquanto ciência. Deixando claro que o desenvolvimento de tal campo do epistemológico, a saber: a ciência social, também se articula no acúmulo de conhecimentos, fato amplo e ostensivamente vangloriado pelas próprias ciências naturais.

## **REFERÊNCIAS**

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento Sociológico**. 7.ed. São Paulo: Martins fontes, 2008.

BOTTOMORE, Tom; NISBET, Robert. (Orgs). **História da Análise Sociológica**. Zahar editores: Rio de Janeiro, 1980.

COMTE, August. **Curso de filosofia positiva**. São Paulo: Abril, 1978.

COLEMAN, James S. The Rational Reconstruction of Society: Presidential Address *in American Sociological Review*, Vol. 58, No. 1, Feb., 1992, pp. 1-15.

DURKHEIM, Émile. *A Divisão do Trabalho Social*. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

\_\_\_\_\_. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

FIELD, Jonh. Capital Social. *In* SCOTT Jonh. **Sociologia, conceitos-Chave: Sociologia Clássica: Marx, Durkheim e Weber**. 5.ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2013.

GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Orgs). **Teoria Social Hoje**. São Paulo: Unesp, 1999.

GIDDENS, ANTHONY. **A constituição da sociedade**. 3.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

HIGGINS, Silvio Salej. Quarenta anos do Relatório Coleman: capital social e educação. *In: Revista Unisinos*, n.9, mai/ago 2005. pp. 116-129

KIELY, Ray. Modernização e desenvolvimento *In* SCOTT Jonh. **Sociologia, conceitos-Chave: Sociologia Clássica: Marx, Durkheim e Weber**. 5. ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2013.

LALLEMENT, Michel. **História das ideias Sociológicas: de Parsons aos contemporâneos**. 3.ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2008.

LÖWY, Michael. Habermas e Weber. *In*: Daniel Bensaïd e Michael Löwy. **Marxismo, modernidade e utopia**. São Paulo: Xamã, 2000.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MARX, Karl. O Capital – Crítica da Economia Política. Vol. I, tomos 1 e 2. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

SELL, Carlos Eduardo. **Marx Weber e a racionalização da Vida**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **Sociologia Clássica: Marx, Durkheim e Weber**. 5.ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2013.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Editora Pioneira Thomson Learning, 2003.

\_\_\_\_\_. **Ciência e política: duas vocações**. São Paulo: Cultrix, 2004.

\_\_\_\_\_. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. V.1. 4.ed. Brasília: UNB, 2009.

**Recebido para publicação em 13 de setembro 2017**  
**Aceito para publicação em 22 de dezembro de 2017**